

## **WORKSHOP *FOREST FIRE RISK MANAGEMENT***

Sessão de Abertura – 15.02.2018, 9h30 – Audº 3

Senhor Comissário Europeu para a Investigação, Ciência e Inovação (Eng.º Carlos Moedas)

Senhora Presidente do Instituto Superior de Agronomia (Prof.ª Amarilis de Varennes)

Senhor Prof. Francisco Castro-Rego [na mesa]

Senhor Presidente da Estrutura de Missão para a instalação do Sistema de Gestão Integrado de Fogos Rurais, aqui em representação do Governo de Portugal (Eng.º Tiago Martins Oliveira)

Caras e Caros Colegas da Fundação Calouste Gulbenkian

Minhas Senhoras e Meus senhores

É com enorme satisfação que a Fundação Calouste Gulbenkian acolhe o “*Workshop sobre Gestão de Risco de*

*Incêndio Florestal*”, organizado conjuntamente pela Comissão Europeia, pelo Instituto de Agronomia de Lisboa [e pela própria Fundação].

A realização deste Workshop permite-nos afirmar o nosso profundo empenhamento em contribuir para uma nova abordagem das questões do ordenamento florestal, da prevenção e do combate aos incêndios em Portugal.

O nosso País, tal como outros Estados no Sul da Europa, tem vindo a ser assolado por grandes fogos, que atingem territórios e populações, provocando dezenas de mortos, destruindo habitações e haveres, arrasando culturas agrícolas e tornando paisagens antes acolhedoras em manchas cinzentas, que prenunciam uma ainda maior desertificação.

Os principais fatores que estão na origem desta vaga de grandes incêndios – e, conseqüentemente, dos seus terríveis efeitos ao nível humano, económico e ambiental – são hoje reconhecidos:

- O impacto das alterações climáticas.
- A profunda transformação do ecossistema da floresta, com o abandono em larga escala de populações jovens e adultas de regiões empobrecidas, deixando uma parte significativa da nossa mancha florestal sem intervenção humana de manutenção.
- A predominância de uma população envelhecida habitando essas grandes manchas florestais, com efeitos ao nível da propriedade e da sua gestão.
- Finalmente, o padrão de dispersão das residências e a insuficiência de planos de defesa contra fogos a uma escala mais fina.

Este Workshop constitui ainda uma oportunidade valiosa para refletir conjuntamente, a partir daquilo que se aprendeu nos vários países da Europa do Sul, sobre a

natureza específica destes grandes incêndios; sobre a importância relativa dos vários fatores que os geraram; e sobre a necessária e urgente mudança de paradigma ao nível da gestão florestal, da prevenção e do combate aos incêndios, do ordenamento do território e do espaço residencial.

A referida mudança de paradigma terá de acontecer já no curto e no médio prazo, ao mesmo tempo que se preparam as alterações legislativas, regulamentares, institucionais e financeiras necessárias para, no longo prazo, se dispor de uma mancha florestal simultaneamente mais resiliente e mais valiosa, capaz de contribuir economicamente para o rendimento dos seus proprietários, num quadro de sustentabilidade ambiental claramente definido.

Acresce que existem a possibilidade de recorrer a novos instrumentos que devemos aqui salientar, como é o caso de uma cada vez maior utilização das tecnologias

emergentes neste novo contexto de prevenção e de combate aos incêndios. Falo-vos, por exemplo:

- Da monitorização em detalhe das grandes manchas florestais, recorrendo a meios aéreos não tripulados e equipados com um painel de sensores adequado;
- Da obtenção de uma massa de dados suscetíveis de abordagens analíticas que permitam detetar com antecipação zonas mais suscetíveis de gerar ignições e de facilitar a sua difusão.
- Da utilização de veículos com maior capacidade de tratamento a bordo da informação recolhida em tempo real por meios aéreos não tripulados; ou
- Da utilização de simulações informáticas na formação de especialistas no combate aos incêndios de vários tipos.

Há também sinais animadores ao nível europeu, designadamente no âmbito da aposta do nosso

Comissário, onde se têm dado passos muito relevantes para apoiar os Estados-membros nas intervenções na área da Floresta, seja na prevenção e no combate aos incêndios florestais, seja na reabilitação de territórios devastados pelos incêndios. Falo-vos, por exemplo:

- Da publicação de uma Estratégia Florestal, em 2013, na qual a União Europeia estabelece um quadro de atuações de apoio à proteção e à gestão sustentável das florestas, que torna possível a utilização dos Programas de Desenvolvimento Rural para apoios a medidas específicas dirigidas à prevenção de fogos florestais e à regeneração das áreas afetadas.
- Do Mecanismo de Proteção Civil da União Europeia, instrumento fundamental de solidariedade entre todos os seus Estados-membros. E
- Da possibilidade dos esquemas para a monitorização das florestas e das suas interações ambientais serem

suportados pelo *European Forest Fire Information Systems* (EFFIS).

Quero concluir, no entanto, reafirmando que todas estas medidas de curto e de médio prazo, que estão já a ser tomadas no sentido de repor o que foi destruído e de preservar o existente, devem ser necessariamente informadas por um ímpeto reformador, fundamentado numa visão de médio e de longo prazo, assente em modelos de desenvolvimento do território, de incentivo e de valorização da economia local e de respeito pelo ambiente e pela paisagem, adequados aos desafios das alterações climáticas.

A floresta tem de ser encarada não apenas como um ativo económico, sem dúvida importante, mas também como um valor fundamental ao nível do clima, da água, da energia, da paisagem, da pastorícia, da apicultura e de tantas outras atividades.

Será também preciso, por isso, promover e incentivar novas formas de gestão da floresta, capazes de garantir a sua preservação e o seu desenvolvimento sustentado, o que implica a criação de novas formas de associativismo e de liderança entre as populações, os proprietários, os industriais, os cientistas, as universidades, as entidades políticas e administrativas... enfim: entre todos nós!

Porque a verdade é que, nas próximas décadas, todos somos – e seremos – chamados para enfrentar este enorme desafio. E é por isso que já hoje aqui estamos, com a obrigação de retirar as lições que resultaram dos trágicos acontecimentos mais recentes.

Isabel Mota